Vila Distinta e Real de Sobral

FRANCISCO MARIALVA MONT'ALVERNE FROTA

"Cernens autem Dominus quod pergeret ad videndum, vocavit eum de medio rubi, et ait: Moyses! Moyses! Qui respondit: Adsum. At ille: Ne appropies, inquit, huc; solve calceamentum de pedibus tuis; locus enim, in quo stas, terra sancta est" (Ex. III, 4-5)

Venho ao Instituto do Ceará com o mesmo temor e alumbramento que se apoderaram de Moisés, no país de Madian, ao acercar-se do monte Horeb, para, atendendo à honrosa convocação da Presidência desta Casa, proferir oração alusiva à decorrência do bicentenário da elevação da velha Povoação de Caícara à Vila Distinta e Real de Sobral.

A minha emoção, ao penetrar neste Templo das gloriosas tradições da Terra da Luz, é o carisma que me identifica com Sobral.

Doze arautos da cearensidade ergueram nesta Capital, para o culto enternecido de seus filhos, a 4 de março de 1887, na Biblioteca Pública, o Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico, santuário dos fatos de nossa gleba comum, para o qual fostes eleitos dedicados guardiões, por reconhecimento unânime.

Na formação histórica deste venerando sodalício, destaco a contribuição dos provectos varões Virgílio Augusto de Morais e Padre João Augusto da Frota, — homens de Sobral e da Ribeira do Acaraú, — que ao lado de Paulino Nogueira Borges da Fonseca, Guilherme Studart, Joakim de Oliveira Catunda, João Batista Perdigão de Oliveira, Antonio Augusto de Vasconcelos, Antonio Bezerra de Menezes, Júlio César da Fonseca Filho, Juvenal Galeno da Costa e Silva, José Sombra e Virgílio Brígido plasmaram este nobilitante Grêmio, que atualmente é presidido pelo arguto historiador General Dr. Carlos Studart Filho, continuando o clarão diretivo de Paulino Nogueira, Tomás Pompeu, Barão de Studart e Tomás Pompeu Sobrinho.

Chego ao hemiciclo desta Casa, não como um estranho, e adito-vos o fato tão só para ganhar a vossa simpatia, porquanto, com muita honra para mim, fui eleito sócio correspondente do Instituto, na sessão de 20 de abril de 1972, por indicação dos con-

sócios Professores Manoel Albano Amora, João Hipólito Campos de Oliveira e Comendador Luís Cavalcanti Sucupira, desde então me animando o desejo de um intercâmbio cultural, que nesta tarde vejo mais uma vez ratificado, com desvanecimento para mím, porquanto é gratíssimo ao filho traçar a visão panorâmica do berço sobralense.

A fisiografia do Ceará é descrita pelos seus historiadores mais percucientes como um arco elipsoidal (1), recurvado pela Serra da Ibiapaba e Serra do Apodi, destendido pela corda da orla marítima.

A configuração do "barrete frígio em posição invertida, com o tôpo para o sul e a base sobre o mar", (2) no quadro impressionista que a mão atenta do mestre Raimundo Girão pintou, na sua "Pequena História do Ceará", é analisada no prisma sociológico de "O Cearense", de Parsifal Barroso, como indefectível "nascente de uma vocação para a liberdade" (3), ainda prefira o ex-Ministro do Trabalho, a caracterização do espaço alencarino a um fundo de saco cosido "pela linha final de costura que é a Serra da Ibiapaba", desenho de que se utiliza, como ponto de partida, para ressaltar os matizes do insulamento a que se confinou o nosso Ceará, pela retração da porta natural do Meio-Norte, cambiante vencida pelo eixo gravitacional de Pernambuco. Desprezou-se, de vez, a ascensão natural do altiplano da Ibiapaba, preferido, inclusíve, no caminho líquido dos rios, pulverizada, como opção geo-econômica saliente e ensaiada, com a constrangedora extinção pombalina da benemérita Companhia de Jesus e com deslocamento gradual do núcleo expansionista da serra, para os insipientes, mas promíssores, arraiais surgidos em Fortaleza, Aquirás e Aracatí.

Inegável é que na Serra da Ibiapaba, vencidas as dificuldades da ferradura orográfica, surgiu, no início do nosso povoamento, um vicejante eixo de penetração da zona norte para o Estado do Maranhão, com o suporte marítimo do Porto de Camocim, além de se identificar naquele peneplano, o primeíro laboratório de miscigenação cearense e o sítio fecundo donde partiu a pregação evangélica de que foram seus primeiros propagadores Luís Figueira e Francisco Pinto. (4)

Atento à saga da penetração da zona norte, Parsifal Barroso faz, com justeza, o elogio da Serra da Ibiapaba, no seu "O Cearense", num estilo em que se vislumbram tons rociados de gratidão: "Não se deslembrem os mestres da História do Ceará que a Serra da Ibiapaba, soube ser a primeira realidade sócio-econômico-política da Capitania, com uma evolução civilízadora de dois séculos, a irradiar-se em todos os sentidos, ainda firmou diretrizes valiosas de defesa da liberdade, de conquista de autonomia, de

afirmação de fé diligente e operosa, de projeção de um sistema de inter-relações econômicas e culturais, numa completa e perfeita síntese — exemplo da capacidade de ultrapassar limitações e de superar dificuldades."

Não escapa à acuidade de Parsifal Barroso a "localização espacial" do nascimento de Iracema nas faldas da Serra da Ibiapaba (5), no Ipu, bêrço de Delmiro Gouveia e dos seus antepassados maternos. (6).

Acresço a esse elenco da Vila Nova d'El Rei, mais uma personagem, ligada inarredavelmente à Sobral, pelo regionalismo naturalista de Domingos Olímpio, que a fez surgir no anfiteatro coruscante de sol e enxameado de retirantes do presídio do Curral do Açougue — (7) — Luzia Maria da Conceição, filha do Ipu, que a gentalha, açulada por sua beleza e disponibilidade para o trabalho, chamava de Luzia-Homem.

O Ceará está dividido em três grandes zonas, o litoral pontilhado de dunas, as serras, refrigério das cidades abrasadas de sol, e o sertão quase sempre causticado pelo flagelo cíclico das secas, que fere a terra adusta, dizimando em êxodos a sua gente que renasce, sempre, temperada no esforço de tudo vencer. Essa realidade ecológica fez brotar uma corrente ponderável de escritores geopônicos no Ceará, tentando retratar, analisar, alertar e minimizar, com proposições válidas, essa carência que nos aflige.

O sertão cearense foi desbravado, inicialmente, pelos rios Jaguaribe e Acaraú, este recebendo o desaguamento dos rios serranos da Ibiapaba, avolumando sua bacia, que alcança a 14.000 Km2; em cujas margens surgiram núcleos de povoamento, como o da Ribeira.

Nertan Macedo, historiador dos clãs da nossa região, acentua, excelentemente em "O Clã de Santa Quitéria", a função aglutinatória de povoamento às margens do rio Acaraú: "É o Acaraú um rio nascido para o povoamento do sertão. Porque, qual uma seta, ele aponta o caminho que vai dar no litoral norte do Ceará, onde outrora floresceram grandes oficinas de charqueadas, há muito desaparecidas.

Nas suas ribeiras adormecem, debaixo do sol, os sertões de Groairas, Jaibara, Jacurutu, Coreaú e Macacos, onde há florestas de pau-branco e o capim mimoso se acama, em mansas ondulações, depois que as chuvas se vão" (8).

Os campos abertos da Ribeira do Acaraú, propícios ao pastoreio, ensejaram, pelas dificuldades da reduzida cabotagem daquela época, para o transporte dos rebanhos, as oficinas de charqueadas que em outras localidades se expandiam, depois alargadas pelos

entrepostos portuários de salgadeiras, constituindo essa empresa pastoril a base da exportação cearense.

Do Jaguaribe ao Acaraú a todos empolgava esse comércio, resultando lucros opulentos para os sesmeiros, que já se fixavam em larga faixa da Ribeira, criando suas famílias em redor das oficinas e fazendas-matrizes das primeiras povoações do Riacho de Guimarães, São José e Caiçara.

A hipótese mais harmônica entre os historiadores que abordam a curva evolutiva da Ribeira, é a de que o fluxo que ocorreu para as margens do Acaraú, liga-se à corrente do sertão, vinda de Pernambuco, sequiosa de afirmação agro-pastoril, acossada que estava por perseguição política ou mesmo enxotada pelos terrores da guerra. Tocante a esse aspecto, da corrente migratória que se incrustou nas margens férteis do Acaraú é esclarecedor Antonio Bezerra, ardente peregrino das terras cearenses: "O que parece é que em consequência das vexações da guerra dos Mascates, diversas famílias da Bahia e Pernambuco procuraram o interior do Ceará, estabelecendo-se primeiramente nas margens do Jaguaribe, caminho obrigado dos exploradores de um país desconhecido, e daí passaram depois para o norte." (9).

Monsenhor Fortunato Alves Linhares, venerando pesquisador das tradições sobralenses e sócio correspondente da Casa do Barão de Studart tem nas, preciosas mas suscintas, "Notas Históricas da cidade de Sobral", ponto-de-vista idêntico ao de Antonio Bezerra, ainda seja levado a identificar que foram as consequências da guerra holandesa o móvel que afastou diversas famílias da Bahia, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte do litoral para o vale do Jaguaribe e depois, para o do Acaraú. Acentua; com razão; o Padre-Mestre sobralense: "Confirma-o uma antiga data concedida a 8 de novembro de 1682 pelo Capitão-mor Bento de Macêdo Farias ao Capitão Bento da Silva, Jorge Coêlho de Souza e a outros; moradores todos nas capitanias de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, em 50 léguas de terras pela costa abaixo, a contar do rio Pará ao rio Mundaú, nelas compreendida, entre outras, a bacia do Acaraú (10).

A reduzida historiografia sobralense, iniciada com as "Notícias da Freguesia de N.S. da Conceição da Caiçara", do Padre João Ribeiro Pessoa, tem seu momento fulgurante com o operoso prelado Dom José Tupynambá da Frota, que coligiu a gesta do seu berço natal na opulenta "História de Sobral", sendo, no prólogo desta obra denominado, por Monsenhor Fortunato Alves Linhares, o terceiro fundador de Sobral, pela solidez do seu episcopado dadivoso, pontilhado de indefectível dedicação ao bem estar de sua gente.

Dom José traça, em descrição telúrica, o panorama bucólico da região onde surgiu a Fazenda Caiçara: "Árvores seculares co-

brlam a região. Cedros, aroeiras, pau d'arco, freijó, pau branco, oiticicas, carnaubeiras, sabiás, umburanas, arapiracas; pereíros e muitas outras madeiras de lei formavam o rico tesouro de uma flora exuberante, quase desaparecida hoje, protegendo o solo com a frescura de suas sombras, entre as quais vagueavam inúmeros representantes da nossa fauna, como sejam onças, gatos maracajás; raposas, guaxinins, capivaras, pacas; veados, catitus, macacos, cotias e um sem número de aves de toda espécie, como emas, seriemas, sericoras, papagaios; jacus, maracanãs; araras, jandaias; periquitos, canãs etc. Além de variados tipos de pássaros de lindas e variegadas cores, como sejam cupidos, graúnas, corrupiões, canários, cabeças vermelhas ou galos de campina, sanhassús; bem-te-vís, pintassilgos, etc..

Pela margem do rio e à beira das lagoas, garças, jaçanãs; socós, guarás, marrecas e patos selvagens viam-se a cada passo.

O rio Acaraú, (Rio das Garças) era então mais estreito. No decurso dos anos foi-se alargando o seu leito, do lado direito, onde as ribanceiras foram pouco a pouco desmoronando, o que ainda em nossos dias se verifica" (11).

Felix da Cunha Linhares, Domingos da Cunha Linhares, Antonio Rodrigues de Magalhães, Manuel Vaz Carrasco; Domingos Rodrigues Lima, Manoel Madeira de Matos são os bandeirantes tropicais da zona norte que se alojaram em São José (Patriarca), Riacho de Guimarães e Caiçara, onde fizeram florescer, sob a proteção do orago de Nossa Senhora da Conceição, diversos povoados, quase todos, hoje; aglutinados à Sobral epicentro urbano do sertão norte do Ceará.

Frei Cristovão de Lisboa tornou-se, após a publicação dos Anais de Berredo, o ponto inicial de referência da catequese dos gentios da Ribeira do Acaraú (1626), sobretudo pela aura de simpatia que lhe adveio pelo seu trucidamento nas cercanias da Povoação de Caiçara, ocorrência que não escapa a Antonio Bezerra; Barão de Studart, Monsenhor Fortunato Alves Linhares e Dom José Tupynambá da Frota. O fim trágico desse missionário está envolto na penumbra lendária da imprecisão histórica desse evento, conquanto se saiba que esteve nos Fortes de São Sebastião e no de Moreno, anteriormente. (12)

O Padre João de Matos Serra, "vigário do Ceará" e descrito, no perfil veraz que fez Aires de Montalbo, como "missionário denodado, homem corajoso; de genio acre e turbulento; vida agitada e tumultuosa", indicou como seu coadjutor na Ribeira do Acaraú, o sobrinho Padre João de Matinhos, que lá se demorou por 4 ou 5 anos, tornando-se; por insistência dos seus fregueses junto ao Cabido; o primeiro cura do Acaraú, cuja extensão alcançava desde as

margens do rio Mundaú até a Serra da Ibiapaba, consoante as afirmações do Padre João Ribeiro Pessoa, nas suas "Notícias". Cinco eram as capelas do Curato do Acaraú: São José (1.718) Beruoca (1.728) Santa Cruz 1.732) Riacho de Guimarães (1.735) e Sant'-Ana (1.738) (13), servindo algumas dessas como sede do Curato, por não existir, na Povoação de Caiçara, Igreja para o culto.

É Antonio Rodrigues Magalhães o fundador da Povoação de Caiçara e um dos seus primeiros habitantes, merecendo a nossa reverência cívica, pelo gesto nobilitante. Patriarca de força moral invulgar, vivía entre as atividades pastoris; voltado para o desenvolvimento agrário de suas fazendas, na ambiência cordial de sua família, instalada no sítio Macaco. Perdulário, não media forças nas benemerências para com o seu arraial de Caiçara, com certeza antevendo formar-se vigorosa vila. A doação de parte das terras da Fazenda Caiçara ao patrimônio de Nossa Senhora da Conceição, Orago da Freguesia do Acaraú, foi efetivada por escritura pública, no dia 10 de dezembro de 1756, por Antonio Rodrigues Magalhães e sua mulher, Quitéria Marques de Jesus, revogada que foi a anterior, a das terras de Pedra Branca, por conveniência forânea da sede do Curato fixar-se no Povoado de Caiçara, localizado à margem do rio Acaraú e nas proximidades da Serra da Meruoca.

O gesto amorável do Casal fundador do burgo — Antonio Rodrigues Magalhães e Quitéria Marques de Jesus — percutiu com generosidade no coração do laicato sobralense e em todos aqueles que na cidade se fixaram por eleição pessoal, em sucessivas gerações, sempre devotadas às igrejas; obras pias e assistenciais para as quais nunca faltou o tributo generoso.

João Evangelista da Frota, Senador Francisco de Paula Pessoa, José Saboia, João de Matos Amaral, Domingos Bessa Guimarães, Jeronymo José Figueira de Melo, José Figueira de Sabóia e Silva; João Tomé da Silva, Dr. Francisco de Paula Pessoa Filho, Dr José Saboia de Albuquerque, Alexandre Soares, José Silvestre Gomes Coelho, Galdino de Lira Pessoa; Raimundo Oswaldo Rangel, Francisco Rangel Parente, Júlio Ferreira Gomes, José Inácio Alves Parente; José Modesto Ferreira Gomes, Luísa Amélia de Albuquerque Barros; Maria Delmira Soares e Maria Marphisa Mont'Alverne, constituem o rol edificante de doadores de imóveis, retábulos, relógios, sinos, imagens, cruzeiros, lâmpadas-de-prata, vitrais e sacrários que embelezam o culto da cidade das igrejas.

Francisco Fernando Pereira Mendes, meu antepassado paterno, foi, sem dúvida, o maior benemérito da Santa Casa de Misericórdia, Seminário e Igreja do Patrocínio, deixando-lhes quase a totalidade de seus bens; incluindo seu palacete de azulejos maranhenses, que causou excelente impressão à Antonio Bezerra, quando

visitou Sobral (14). Reconhecido, Dom José Tupynambá da Frota presidiu o ofício religioso de seu funeral, autorizando, posteriormente, a inumação dos despojos de Fernando Pereira Mendes e sua mulher Maria Carolina do Monte, na Igreja do Patrocínio, templo de sua dedicação especial.

Sobral, lamentável é acentuar, descurou, por demais, o reconhecimento público ao seu nobre fundador — Antonio Rodrigues Magalhães — relegando-o ao esquecimento, preterindo-lhe a consagração póstuma tão merecida, esmaecendo a memória dos feitos cívicos desse tronco robusto de nossa ancestralidade. Agora, felizmente, mas com tardança, os edis da Casa da Câmara e o Chefe da Municipalidade, louvavelmente, erguem-lhe uma herma no sítio histórico da Fazenda Caiçara.

O Padre João Ribeiro Pessoa, natural de Iguarassu e filho de João Ribeiro Pessoa e Genebra de Vasconcelos Castro, era homem de visão larga, educado que fora em Pernambuco, no círculo influente de sua família, onde brilhava o entusiasmo político de seu tio Padre João Ribeiro de Melo Monte Negro, que mereceu pela amizade do botânico Manuel de Arruda Câmara homenagem singular na classificação da mangabeira como Riberia Serbilís (15).

Com a ameaça de ruir a acanhada capela, edificada em 1746; pelo Padre Antonio Carvalho e Albuquerque, sucesor do Padre Lourenco Gomes Lelou no Curato do Acaraú, o Padre João Ribeiro Pessoa devotou-se à construção de um templo amplo e majestoso, à semelhanca dos de Pernambuco, seu Estado, lançando, a 5 de novembro de 1778, a pedra fundamental da atual Catedral de Sobral, nas vizinhanças da Capela primitiva; não conseguindo, acentua Dom José Tupynambá da Frota na sua "História de Sobral", "ver concluída a sua Matriz", estando, entretanto, aduz o benemérito Prelado, sepultado na capela-mor (16).

Dom José Tupynambá da Frota, pastor dedicadíssimo ao seu redil, foi o arroiado continuador da reforma da Catedral da Diocese, onde jaz piedosamente na capela do Santíssimo Sacramento, tal qual indica uma lápide singela, com o epitáfio em latim. Alude, o Bispo pesquisador com uma ponta de polida reprovação, em sua magnífica "História de Sobral", ao esquecimento dos sobralenses à obra exponencial do Padre João Ribeiro Pessoa. Com razão, acentua Dom José: "O Pe. João Ribeiro é autor de um apreciado relatório sobre o Curato do Acaraú, que publicamos no apendice. Trouxe do Recife a planta da nova Igreja, que pretendia edificar, não tendo tido a consolação de vê-la concluída. É de estranhar-se que Sobral, que tanto deve ao Pe. João Ribeiro, não lhe tenha dedicado uma praça ou rua da cidade, quando tal honra dispensou a outros de menor merecimento". (17).

O delineamento histórico da evolução de Sobral, desde os meandros iniciais da Fazenda Caiçara, núcleo urbano do povoamento, demanda do pesquisador uma análise paralela da Fazenda e da Matriz, porquanto é indiscutível ter sido o anseio religioso do primitivo clã pastoril o alicerce sobre o qual se ergueu a cidade, aglutinada no bucólico quadro à beira do rio Acaraú, sob o orago maternal de Nossa Senhora da Conceição.

A Praça da Matriz é o eixo urbano mais antigo da Povoação de Caiçara. Nas "Notícias" do Pe. João Ribeiro Pessoa se encontra o memorial descritivo desse sítio, donde se irradiou a fé e a socíedade sobralenses: "Está sua Matriz quase no meio da Freguesia, na margem do rio Acaraú da parte do norte, entre o dito rio e a serra da Meruoca, sita em terras próprias, que à mesma Senhora da Conceição e orago da dita Matriz doaram o Capitão Antonio Roiz Magalhães e sua mulher Quitéria Marques de Jesus, a saber cem braças de terra, pegando da esquina da dita Matriz, buscando para baixo à fazenda Caiçara, outras cem braças pegando da outra esquina buscando o sítio Fortaleza e as outras cem braças pegando da porta da Matriz buscando a Serra Beruoca, e pegando da Capellamor até o rio, que será dois tiros de pedra, excetuando-se em todo este âmbito de chão, que os mesmos doadores excetuaram, e se acham já os seus herdeiros e legatários de posse dos ditos chãos, o que tudo consta da escriptura de doação, feita no anno de 1756, que se achava no Cartório secular desta Povoação, e lançada por traslado público no livro 2.° da fábrica da Matriz a fl. 2ª" (18).

As raízes dos topônimos envolvem na análise elucidativa, continuada e plácida discussão, como a que se verifica com a palavra Ceará, na qual têm participado um gama de historiadores, tupinólogos, ictiólogos, etmologistas e geógrafos, tentando equacionar a desafiante combinação lúdica da logomaquia.

Acaraú, Caiçara e Sobral é o trinômio que tem merecido as atenções los estudiosos, alguns dos quais preclaras figuras do Instituto do Ceará.

Flamejam em torno da origem da palavra Acaraú — o antigo Conoribo dos Tremembés (19) — diversas hipóteses, iniciadas com a de Martius, na Glossaria Linguarum Brasiliensium, acrescídas das incursões percucientes de Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, José de Alencar, Paulino Nogueira, Tomás Pompeu Sobrinho e Monsenhor Fortunato Alves Linhares.

Rio dos peixes cornos, rio dos peixes grandes, rio das garças; rio ninho das garças, quinta das garças, rio dos acarás; bebidas das garças e raça bovina são as inúmeras denominações do caudaloso Acaracú.

A palavra Caiçara — diz o magistério de Raimundo Girão e

Antonio Martins Filho, exarado no texto do verbete "Sobral" de "O Ceará", vade-mecum do nosso Estado — em linguagem indígena, significa, segundo José de Alencar; "o que se faz de pau queimado: de cai "queimado", e a desinência ara "que tem ou que faz", anteposto o c, por eufonia. Para Martius, é "pau de juçara": — de caa, pau e juçara; palmeira, ou "lugar silvestre que em certo tempo se queima": — de cai, queimado e ara, tempo. Paulino Nogueira pensa que a verdadeira origem do vocábulo é uma corrutela de caa-ica: — "estacas de mato, estacada, trincheira; tapume; cerca de pau." (Vocabulário Indígena, Rev. do Inst. do Ceará, vol. 1.º pág. 239). (20).

As "Notas Históricas da Cidade de Sobral", do acadêmico e vereador Monsenhor Fortunato Alves Linhares, trazem, com referência ao topônimo Caiçara, interessante contribuição que não nos escusamos de transcrever: "Cedo granjearam a fama os produtos da indústria pastoril do Ceará; e mui provável é que a longa adaptação nas varzeas do Ceará de um produto cruzado do gado flamengo, produto capaz de resistir às periódicas e aturadas secas dessas paragens, fosse o princípio dessa excelente variedade, cujo nome nos campos do Sul lembra ainda a terra de origem.

O nome "Caracú" é, de fato, uma corruptela; não do nome daquela cidade indiana, tão célebre na epopéia dos Lusíadas, mas do vocábulo tupi "Acaraú" de que a última partícula fortemente aspirada, como a pronunciava o gentio potiguara, se corrompeu em lábios portugueses, transformando "Acarau" em Acaracú, depois ainda pelo vulgo ignaro em Caracú, como ainda hoje se diz." (21)

Perto da Serra da Ibiapaba e nas faldas da Serra da Meruoca, a Povoação de Caiçara, surgida da fazenda desse nome, à margem do rio Acaraú, desenvolvia-se promissoramente, já contando em 1.767 "com 75 casas. dos quais 53 são de telhas" e — acentuam as "Notícias" do Padre João Ribeiro Pessoa — "Consta toda a Freguezia de 21 mil almas de confissão e 670 fogos, dos quaes 105 são fazendas de gados maiores ou menores." (22).

A incúria administrativa dos Capitães-mores, na Capitanía do Ceará-Grande, é um destaque indissociável no quadro das instituições político-administrativas. Os contratos, fintas e derramas eram os instrumentos de opressão fiscal que impunham a cupidez voracíssima dos Capitães-mores, em constantes conflitos com os Ouvidores, o que causou veementes reclamações à autoridade central ultramarina. Uma das mais válidas impugnações foi a do Padre Acenço Gago, de que resultaram as Cartas Régias de 8 de março e 8 de dezembro de 1693. O veio mais cristalino desse tortuoso período das instituições coloniais cearenses é Guilherme Studart, o grande Barão, nume tutelar do Instituto do Ceará. Explicita, to-

cante a essa parte, o Barão de Studart, em "Notas para a História do Ceará": "Não admira, portanto, que o Pe. Acenço chegasse a pedir, como um meio de lhes cohibir os abusos, que taes Capitães-Mores servissem unicamente por espaço de um anno em vez de trez, que por tantos era a nomeação d'elles, nem que a difficuldade de prover-se o cargo com gente limpa chegasse ao ponto de ser elle posto em concurso com as competentes syndicancias, como se deprehende de uma Ordem Regia de 29 de janeiro de 1698". (23).

Homem veraz e impoluto, o Barão de Studart, atento às perseguições à benemérita Companhia de Jesus, vinda no sopro regalista ultramontano, traça, nesse livro precitado, o maravilhoso panegírico do sacerdote, entre nós o campeão da evangelização pátria. Por mais que esbravejem — acentua o Barão de Studart, ainda no seu precioso "Notas para a História do Ceará" — "e busquem empanar a verdade as coleras partidárias e os ódios sectários, a sotaina foi no Brazil a salvaguarda da liberdade do povo, amparo da justiça, arauto das grandes e generosas idéias, symbolo do patriotismo.

Na guerra, como na paz, entre as tabas do selvagem como no pulpito da cathedral, no silêncio da floresta como no turbilhão da cidade, nos momentos angustiosos da patria ou nas suas horas de triumpho a humilde cruz do sacerdote catholico operou mais conquistas para a civilisação e mais glorias para a patría do que a farda agaloada do fidalgo ou a espada do soldado". (24).

Os tempos estavam maduros à organização administrativa da Colonia, através da descentralização das vilas. Caetano de Melo de Castro e Fernando Martins Mascarenhas de Lencastre são as primeiras autoridades a receber de Portugal indagações quanto à formação de um governo no "Seara", talqual comprova iniludivelmente a Carta Régia de 13 de fevereiro de 1699. Abre-se a esse tempo, em nossa história, a disputa dos repúblicos quanto à localização da primeira vila, àquela altura oscilando entre Iguape e Fortaleza.

A criação da Vila de Santa Cruz do Aracati e a consequente delimitação do seu ermo, fez eclodir em Aquiraz, em 1748, a possibilidade da transferência da Vila de Fortaleza para a Ribeira do Acaracú, precisamente para a Fazenda Caiçara, o que não se efetivou, sobretudo pelo expediente de 20 de maio de 1752, de Pedro de Morais Magalhães; que embora reconhecendo ter a Ribeira do Acaracú "suficiente número de moradores poderá ser conveniente criarce huma nova Vª no citio chamado Acayçara adonde está fundada Matriz", preferiu a permanência da antiga Vila, em Fortaleza; por estar situada próxima ao mar, e por ser lugar seguro contra os ataques de índios. (25)

Creio que esse fato histórico pode ser identificado como uma

das raízes do autarquismo sobralense, convicto em criar na Ribeira do Acaraú um polo de desenvolvimento, na ambiência de uma tradição pastoril ão singular em nosso Estado.

O vigor desse bairrismo sobralense teve para a cidade efeitos positivos incontestáveis, criando em seus filhos uma mentalídade positiva, em alguns casos pioneira, como aconteceu recentemente com a implantação da Fundação Universidade Vale do Acaraú — videira cultural do Padre Francisco Sadoc de Araújo e pábulo da juventude.

Parsifal Barroso, parlamentar ligado a Sobral, destaca em "O Cearense" essa nuança do nosso bairrismo, para depois aduzir com propriedade: "Poder-se-ia talvez sintetizar essa ordem de conceitos se mais um neologismo viesse envolver e condensar esse esforço coletivo e constante de valorização, que é apanágio do povo de Sobral: sobralização". (26)

O formalismo com que encaramos o nosso desenvolvimento e a aura com que envolvemos as nossas tradições e o que existe em nossa gleba, é analisado por alguns ilustres visitantes como exagerada ampliação de nossa realidade. Antonio Bezerra nas "Notas de Viagens", flagra o bairrismo sobralense: "Um sobralense é bairrista como ninguém; exagera as vantagens de sua cidade e tem o entusiasmo de supor que nem a Capital a vence em adiantamento e beleza". (27)

A "ansiedade" de Antonio Bezerra à porta de Sobral o predispôs para ser tocado pela "mosca azul" do nosso bairrismo, ainda chegasse acautelado pelo exagero das nossas referências. Ninguém, esta é a verdade, descrevendo Sobral foi tão sobralense quanto Antonio Bezerra nas "Notas de Viagem". A sua observação se deteve no asseio das praças e ruas, ressaltando, o peregrino, a "diferença a esse respeito das mais cidades e vilas!" Ganha proporção o alumbramento de Antonio Bezerra ao avistar a Praça do Figueira, pois para ele "não tem rival na cidade de Fortaleza". O autor de "O Ceará e os Cearenses" não se detém nessas exclamações; ao visitar a rua Dr. José Júlio de Albuquerque Barros, defronta-se com a "morada-inteira" de Francisco Fernando Pereira Mendes e não se escusa em afirmar que "dificilmente se encontrarão na Província palacetes e melhores cômodos que o que concluía o Sr. Fernando Mendes".

Ao curioso visitante da velha Caiçara nada escapou. Percorreu o "notável Paço da Câmara e o Teatro São João, do qual diz o mestre "construído segundo o plano do de Santa Isabel, em Pernambuco, sendo porém menor".

A visão da Catedral do Padre João Ribeiro Pessoa, causa a Antonio Bezerra um arrebatamento de sobralense de duzentos

anos: "A matriz, na arquitetura interior, é em tudo semelhante à da Capital, mas força é confessar que guarda melhores proporções, não se ressentindo como aquela do efeito de ter a fachada acaçapada relativamente ao corpo do edifício." (28).

Um grupo amigo de "cavalheiros" proporcionou o melhor acolhimento ao historiador em Sobral, o que causou excelente impressão ao visitante, que grato transcreve, no livro magnífico, os seus nomes: Dr. Antonio Ibiapina, Dr. Raimundo Belford Teixeira, João Francisco do Monte, José Vicente Franca Cavalcante, José de Farias Lima, José Lemos, Antonio Siebra, Tomás Pompeu de Souza Magalhães, Joaquim de Albuquerque Rodrigues, Major Francisco Marçal de Oliveira Gondim, José Bezerra de Menezes, José Gomes Parente e Família.

O Conde de Vila Flor, Governador de Pernambuco, nomeou, em 1765, como substituto de João Baltazar de Quevedo Homem de Magalhães, na chefia do Governo da Capitania, Antonio José Vitoriano Borges da Fonsêca.

Borges da Fonseca, trigésimo sexto Governador do Ceará, nasceu em Recife a 26 de fevereiro de 1718, sendo batizado na igreja de S. Frei Pedro Gonçalves. São seus pais o Mestre de Campo de Infantaria de Olinda Antonio Borges da Fonseca e Francisca Peres Figuerôa.

Jovem, destacava-se em Fernando Noronha ao tempo da ocupação francesa. Em Portugal, Borges da Fonseca, obteve do Cardeal Nuno da Cunha o título de Familiar do Santo Ofício, em 1744. Voltado para as artes e letras, pertencia à Academia Brasílica dos Renascidos. Francisco Augusto Pereira da Costa delineia em corte clássico, a sua trajetória de militar e político no "Diccionário Biographico de Pernambucanos Celebres", trazendo luzes ao pesquisador que se abalance ao cotejo de sua gestão profícua: "Em 1765, o governo o distinguiu com a honrosa nomeação de governador e capitão general da capitania do Ceará.

Recebendo a patente de sua nomeação, prestou juramento no Palácio das Torres do Recife aos 27 de março do mesmo anno de 1765, nas mãos do governador de Pernambuco D. Antonio de Souza Manoel de Menezes, conde de Villa Flor e seguindo para o seu destino, tomou posse do governo da capitania a 25 de abril.

Antonio José Victoriano Borges da Fonseca foi na ordem chronológica, o trigesimo sexto governador e capitão general do Ceará, e depois de um sábio governo de dezessete annos e dezesseis dias; o entregou ao seu sucessor, aos 11 de maio de 1782, e voltou para Pernambuco". (29)

Diligente, Borges da Fonseca, cuidou, chegado ao Ceará; antes decorresse um ano de sua administração de criar "em todas as

freguezias da Capitania um commandante, a cujo cargo estivesse o bom — governo e quietação dos moradores e execução das ordens reaes". (30)

O sertão da Zona Norte estava infestado de malfeitores, fugidios aos corretivos da Justiça. A Ordem Régia de 22 de julho de 1766 os agrupou entre as povoações com mais de 50 fogos, visando uma recuperação social dos fronteiriços. O Barão de Studart, no manancial das "Notas para a História do Ceará", acentua o efeito dessa medida administrativa: "Em virtude das disposições contídas nessa Ordem foi que se crearam as villas de Sobral, Quixeramobim, S. Bernardo de Russas, S. João do Príncipe.

Uma origem mui semelhante a que teve a poderosa Roma, em princípio verdadeiro valhacouto de ladrões e criminosos, e após avassaladora do universo.

Pena é que somente na primeira parte ficasse a semelhança". (31)

Atentai bem para esse enxerto social, oriundo dos dispositivos contidos na Ordem Régia de 22 de julho de 1766. Guilherme Studart, retificando suposição de João Brígido, no "Resumo Cronológico"; quanto às reais finalidades daqueles prescritos legaís, resume, nas "Notas para a História do Ceará", o objetivo social que intentou, com o adensamento demográfico artificial, Borges da Fonseca, no corpo da Ordem Régia de 1766. Explícita o Barão de Studart: "Ao mesmo tempo que procurava augmentar a população das diversas villas, encorporando-lhes homens validos embora estragados pela indolencia e pelo vício, foi empenho de Borges da Fonseca retirar das brenhas os indígenas e aldeial-os convenientemente. O numero dos selvicolas a que aproveitou sua boa vontade pode computar-se em mais de quatro mil, notadamente as relíquias da importante tribu dos Payacus, ou Bayacus, errantes pela ribeira do Choró e que foram recolhidos na aldeia de Monte Mor o velho, tudo de accordo com uma deliberação do governo de Pernambuco, que traz a data de 30 de abril de 1765". (32)

Dom José Tupynambá da Frota, consagrado historiador da Ribeira do Acaraú, ao transcrever o vexatório paralelo das origens de Sobral, inserido pelo Barão de Studart, nas "Notas para a Historia do Ceará", ajunta, logo a seguir, uma relação de varões probos, concluindo-se, dessa velada contestação, não ter sido, à semelhança de Roma, "um valhacouto de ladrões e assassinos", os primeiros fundadores de Sobral. Eis a retificação do venerando Bispo Conde de Sobral: "Não se suponha, porém, que taes homens fossem os primeiros fundadores de Sobral. Em 1768, conforme o Relatorio do Pe. João Ribeiro Pessoa, já existiam na povoação de Caissara setenta e cinco casas, das quaes cincoenta e três eram de

telha. E conforme se deduz dos termos de aforamento, aqui tinham suas casas Domingos da Cunha Linhares, Coronel Vicente Ferreira da Ponte, Capitão Domingos Rodriguês Lima, Antonio Rodriguês Magalhães, Coronel José de Xerez Furna Uchoa, Jeronimo Machado Freire e outros, que eram homens de boa linhagem e troncos de famílias respeitáveis". (33)

Prazia a Guilherme Studart, levado pelo profundo conhecimento das raízes genealógicas, convizinhar parentescos entre famílias pernambucanas e cearenses quando perfilava homens de real valor, como fez com referência a Paulino Nogueira, ligando o arco da sua ancestralidade a seu bisavô, Antonio José Vitoriano Borges da Fonseca, nome chegado à Vila Distinta e Real de Sobral.

Nesta romagem cívica à história da antiga Povoação de Caiçara, declino com emoção o nome de João da Costa Carneiro e Sá — novo titular da Ouvidoria do Ceará, nomeado por Carta Régia de 12 de junho de 1769, personagem central do evento secular que celebramos com alevantado júbilo.

Guilherme Studart, fonte histórica de natural recorrência das origens sobralenses, dá-nos mais um traço da biografia do Dr. João da Costa Carneiro e Sá, aditando: Aquelle Carneiro e Sá, a quem Cunha Menezes dirigia-se, fora nomeado Ouvidor do Ceará por C. R. de 12 de junho de 1769. Araripe chama-o João da Costa Correia Sá, mas o nome verdadeiro é João da Costa Carneiro e Sá. O dia da sua posse é 1 de janeiro de 1770. Do Ceará foi despachado para a Relação da Bahia.

A elle foi commettida a tarefa de tirar residencia a Victoríno Soares Barbosa. Tirar residencia era o mesmo que syndicar dos actos de alguem e dar conta delles a um funccionario superior". (34)

Chegamos ao contorno final no quadro esmaecido que intentamos colorir, com minuciosas informações, do acontecimento bissecular da elevação de Caiçara à Vila Distinta e Real de Sobral, ocorrido a 5 de julho de 1773, fato histórico que se positivou para posteridade com o Têrmo do levantamento pelourinho. Diz o texto notável: "Aos cinco dias do mez de Julho de mil setecentos setenta e tres annos n'esta povoação da Caiçara, Capitania do Ceará Grande, no terreno do meio d'ella onde veio o Doutor Ouvidor Geral e Corregedor da Comarca, João da Costa Carneiro e Sá, commigo escrivão do seu cargo adiante nomeado, e maior parte das pessoas mais capazes do povo d'este termo, e sendo no lugar do pelourinho, que o dito Ministro mandou fazer, e ahi por mim escrivão foi communicado a todas as pessoas presentes o transumpto da Carta do Excellentissimo Governador de Pernambuco, edital e ordem de sua Magestade Fidelissima, tudo copiado na certidão retro, depois do

que por ordem do dito ministro em voz alta e intelligível pelo meirinho geral da correição João dos Reis foi dito tres vezes Real! Real! Real! Viva o nosso Rei Fidelíssimo, o Senhor Dom José de Portugal! Cujas palavras repetio todo o povo em signal do reconhecimento da mercê que recebião do mesmo Senhor pela erecção d'esta nova villa de Sobral. E de tudo para constar mandou o dito ministro fazer este termo em que assignou com todos os que presentes estavão. E eu, Bernardo Gomes Pessôa, escrivão da correição, o escrevi. Carneiro e Sá. — Bento Pereira Vianna. — Jeronimo Machado Freire. — José de Xerez Furna Uchôa. — Sebastião de Albuquerque Mello. — Luiz de Souza Xerez. — Alexandre de Hollanda Corrêa. — Vicente Ferreira da Ponte. — Manoel Coelho Ferreira. — José de Araujo Costa. — Manoel da Cunha. — Antonio Miguel Pinheiro. — João Marques da Costa. — Feliciano José de Almeda. — Manoel Ferreira Torres. — André José Moreira da Costa Cavalcante. — Manoel de Souza de Carvalho. — Miguel Alvares Lima. — Antonio de Carvalho e Souza." (35)

A justificativa na qual se arrimam os doutos, para encontrar o motivo ponderável do nome Sobral, dado à nova vila, não chega a ser uniforme quando se coteja tais pontos-de-vista, quase nunca sedimentados em comprovações documentais.

Uns admitem ser Sobral nome comum nos povoados, distritos e vilas portuguesas. Outros há que asseveram ter sido a evocação do distrito de Sobral, da cidade de Vizeu, berço natal do Ouvidor-Geral Carneiro e Sá o motivo central da escolha da nova vila, levantada na Ribeira do Acaraú.

O repasse da historiografia sobralense nesse aspecto é interessante. Monsenhor Vicente Martins, fundador e Presidente da Academia Sobralense de Estudos e Letras, no seu livro "Homens e Vultos de Sobral", aborda, sucintamente, o crivo eletivo da escolha do nome Sobral: "Em 1773 João da Costa Carneiro e Sá, ouvidor geral, corregedor da Comarca do Ceará, em obediencia à Carta Régia de 22 de julho de 1766, expedida ao governador de Pernambuco — Manoel da Cunha Menezes, erigiu com o nome de Vila Distinta e Real de Sobral, homenageando seu lugarejo nativo em terras lusitanas, a povoação de Caiçara, o que foi solenemente feito, com o levantamento do pelourinho, ato em que serviu de escrivão Bernardo Guimarães Pessôa e que assistiram o referido ouvidor e muitas pessoas". (36)

O Padre João Mendes Lira, Diretor do Centro de Pesquisas Históricas e Geográficas da Universidade Vale do Acaraú, continua a indeclinável vocação do clero sobralense para os estudos das origens da velha Caiçara. Publicou um roteiro, que desejamos ver ampliado, sobre a Cidade com o título "De Caiçara a Sobral", onde

aflora o motivo do nome da Vila Distinta e Real de Sobral: "Carneiro e Sá, encarregado de dar o nome à Vila, recém-criada; batizou-a de Sobral, em homenagem, portanto; à sua terra natal."(37)

Dom José Tupinambá da Frota, com certeza nosso mais exaustivo historiador, na "História de Sobral", tem o mérito de agrupar nesse tocante, junto à sua impressiva opinião, a de Monsenhor Fortunato Alves Linhares e a de Alberto Jaime do Amaral, que reuniu também esparsos estudos sobre a Cidade, debaixo do nome "Para a história de Sobral". Eis o texto do Prelado: "Segundo a tradição conservada nas famílias mais antigas de Sobral, foi o Ouvidor Carneiro e Sá, acima nomeado, quem deu o nome de Sobral à nova vila, por ser ele, segundo afirmava-se, natural do Distrito de Sobral, freguesia de Viseu, ao Norte de Portugal. Esta opinião sobre a origem do nome dado à antiga Caiçara é partilhada por conciencioso investigadores da nossa história, como Monsenhor Fortunato Alves Linhares e Alberto Jaime do Amaral". (38)

O nome Sobral — qualquer tenha sido o motivo e o critério da escolha deitou raízes tentaculares nos corações de seus filhos e ajustou-se, perfeitamente, à Vila; a tanto se deduz da ausência de calor cívico quando a Lei Provincial n.º 229, de 12 de janeiro de 1841 alterou o antigo nome, rebatizando-a como Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú. Logo no ano seguinte, em 1842, Resolução do Presidente da Província, o Brigadeiro José Joaquim Coelho, fazia retornar o nome consagrado.

Em "O Ceará", de Antonio Martins Filho e Raimundo Girão, verifica-se que o nome da Vila de Sobral, dado por Carneiro e Sá, encerra uma homenagem ao Distrito desse nome, do município de Vizeu, berço do Ouvidor-Geral. A origem de Sobral é latina "de suber, souvereiro (árvore), com a terminação portuguesa al, abundância. Souvereiral alterou-se em Sobral — "abundância de souvereiros". (39)

Com o levantamento do pelourinho — símbolo do poder — incumbia ao Ouvidor Geral e Corregedor da Comarca João da Costa Carneiro e Sá, assistir, presidir e empossar; pelo sistema do pelouro, o juiz ordinário, o de órfãos, vereadores e procurador do Conselho, no dia 5 de julho de 1773, seguindo-se finalmente a audiencia geral do Ouvidor. O Barão de Studart é quem nos transcreve, em "Notas para a História do Ceará"; o "Termo da facção do pelouro e abertura de um dos que forão eleitos para servirem cargos da republica até o fin dêsse corrente anno nesta Villa distinta e Real de Sobral.

Aos cinco dias do mez de Julho de mil setecentos setenta e tres annos nesta Villa Distincta Real de Sobral, Capitania do Ceará grande e em casas da aposentadoria do Doutor Ouvidor-Geral e

Corregedor da Comarca — João da Costa Carneiro e Sá, onde eu, escrivão de seu cargo, fui vindo, e sendo ahi; depois de ter o dito ministro levantado o pelourinho, e creado villa, e procedido o pelouro das pessoas que devião occupar os cargos de Juizes ordinarios e orphãos, veriadores e procurador do Conselho, e estando presentes a maior parte das pessôas principaes d'esta Villa e termo, houve o mesmo ministro por aberto um dos pelouros dos que havião de servir no remanescente do presente anno, no qual se achou estarem eleitos para Juízes ordinários o sargento-mor Sebastião de Albuquerque Mello e o capitão Manoel José do Monte, para vereadores o capitão Vicente Ferreira da Ponte, o capitão Manoel Coelho Ferreira, para procurador Antonio Furtado dos Santos e para Juiz de Orphãos Gregório Pires de Chaves, como consta da mesma pauta infronte, e por se acharem presentes os Juízes e Vereadores, e procurador do Conselho, lhes mandou o dito ministro passar Suas Cartas de uzanças por não duvidarem da acceitação dos seus respectivos cargos, de que fiz este termo em que assignou o dito ministro somente. — Bernardo Gomes Pessôa, escrivão da correição, o escrevi. Carneiro e Sá." (40)

O título de Fidelíssima Cidade Januária, adveio da firme oposição sobralense à Revolução Pernambucana de 1817, em que a Corporação da Câmara fez solene protestação dos "mais puros votos da nossa fiel vassalagem", ao Rei e ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve; assistindo, inclusive ao TEDEUM, oficiado pelo Vigário da Matriz, Padre João Gonçalves de Medeiros. Cedo a propalada fidelidade do Senado da Câmara de Sobral iria atenuar-se, na crise política da nossa Primeira Constituinte Imperial, resistindo, depois, ao pedido da Câmara do Rio de Janeiro; em aprovar o Projeto Constitucional do Príncipe, que depois nos seria outorgado.

Esta é, em suma, a história da Nação dos Sobralenses; desde os primórdios da Fazenda Caiçara de Antonio Rodrigues de Magalhães até a elevação à Vila Distinta e Real de Sobral do Ouvidor João da Costa Carneiro e Sá.

Reivindicamos nossas pretensões, junto às Côrtes Gerais Constituintes da Nação Portuguesa, protestamos contra a Revolução Pernambucana de 1817 e contra a dissolução da Primeira Constituinte Imperial, juramos a Carta Imperial outorgada, aderimos à Confederação do Equador, socorremos ao Maranhão e Piauí na Balaiada, nos envolvemos na Sedição em 1840 contra o Senador José Martiniano de Alencar, recebemos com regozijo o General Tiburcio, expressamos nossa gratidão aos feitos de Caxias na Guerra do Paraguai, defendemos ardorosamente a Abolição da Escravatura, festejando o 13 de maio com luminárias, e firmamos o Manifesto

do Partido Republicano às vésperas do desabar das instituições imperiais.

Sítio abençoado pelo orago de Nossa Senhora da Conceição, surgido às margens do Rio Acaraú e nas faldas da amena Serra da Meruoca, na moldura distante da Serra da Ibiapaba, Sobral desenvolveu-se, arrostando todas as dificuldades do meio inóspito e do clima tropical, plasmando uma sociedade austera e promissora, criada nos quadrantes da moral antiga e dos princípios evangélicos professados por nossos antepassados.

Capital da Zona Norte do Estado e vigoroso polo de desenvolvimento econômico do hinterland cearense, Sobral é um centro populacional de considerável densidade demográfica em seu município, com destacada projeção sócio-cultural, mercê do arraigado bairrismo de sua gente indomável, cuja parte mais representativa se acha recolhida, em agradável síntese, nos Dicionários de Sacramento Blake e Guilherme Studart.

Recolho da arca do tempo nomes respeitáveis de minha terra e que compõem o seu Panteon — pela probidade de suas vidas, pela retidão de seus exemplos e pelos méritos dos seus esforços, o que faz vindicar para eles o nosso respeito e a consagração póstuma: Pe. Antonio da Silva Filho — Antono Ibiapina — Antonio Joaquim Rodrigues Junior — Antonio Sabino do Monte — Monsenhor Diogo José de Souza Lima — Domingos Jesuíno de Albuquerque — Domingos Olímpio Braga Cavalcanti — Esmerino Gomes Parente — Felinto Alcino Braga Cavalcanti — Monsenhor Fortunato Alves Linhares — Francisco de Paula Rodrigues — Jeronimo Martiniano Figueira de Melo — Dom Jeronimo Tomé da Silva — Dom José Tupynambá da Frota — João Evangelista da Frota e Vasconcelos — Padre João Scaligero Augusto Maravalho — João Tomé da Silva — João Tomé de Saboia e Silva — Padre José Antonio de Maria Ibiapína — José Júlio de Albuquerque Barros — Dom José Lourenço da Costa Aguiar — José Vicente Franca Cavalcanti — José Saboya de Albuquerque — Vicente Alves de Paula Pessoa — Vicente Cândido Figueira de Saboya — Virgílio Augusto de Morais e Vicente Ferreira de Arruda.

Eis a minha terra.

E's a minha gente.

— NOTAS —

1 — Raimundo Girão — Pequena História do Ceará — 1971 — Imprensa Universitária — Pág. 69.
2 — Raimundo Girão — Ob. cit. — pág. 73.
3 — Parsifal Barroso — O Cearense — 1969 — Gráfica Record Editora — pág. 61.
4 — Florival Seraine — A "Relação do Maranhão" do Padre Luís Figueira e o falar cearense atual — in Revista do Instituto do Ceará — vol. 88 — 1970 — pág. 21.
5 — Parsifal Barroso — Ob. cit. pág. 83.
6 — Oswaldo Araújo — Descendência do casal José Lourenço de Araújo — Maria do Carmo de Araújo — in Revista do Instituto do Ceará — vol. 85 — 1967 — pág. 207.
7 — Domingos Olympio — Luzia Homem — 1964 — Edições Melhoramento — pág. 5.
8 — Nertan Macedo — O Clã de Santa Quitéria — 1967 — Empresa Gráfica O CRUZEIRO S.A. pág. 16.
9 — Antonio Bezerra — Notas de Viagem — 1965 — Imprensa Universitária do Ceará — pág. 316.
10 — Mons. Fortunato Alves Linhares — Notas Históricas da cidade de Sobral — 1945 — Comercial Gráfica — pág. 17.
11 — Dom José Tupynambá da Frota — História de Sobral — 1953 — Pia Sociedade de São Paulo — pág. 23.
12 — Aires de Montalbo — Influência da Religião no Ceará in Revista do Instituto do Ceará — 1965 — vol. 83 — pág. 158.
13 — Padre João Ribeiro Pessoa — Notícias da Freguezia de N.S. da Conceição da Caiçara — in Historia de Sobral — Ob. cit. págs. 68 a 73.
14 — Antonio Bezerra — Ob. cit. pág. 306.
15 — Francisco Augusto Pereira da Costa — "Diccionário Biographico de Pernambucanos Célebres" — 1882 — Typographia Universal — pág. 477.
16 — Dom José Tupynambá da Frota — ob. cit. pág. 91
17 — Dom José Tupynambá da Frota — ob. cit. pág. 136.
18 — Padre João Ribeiro Pessoa — Notícias da Freguezia de N.S. da Conceição da Caiçara in História de Sobral — Ob. cit. págs. 66/67.
19 — Carlos Studart Filho — Aborígenes do Ceará — in "O Ceará" — Antonio Martins Filho e Raimundo Girão — 1966 — Editora Instituto do Ceará — pág. 56.
20 — Antonio Martins Filho e Raimundo Girão — "O Ceará" — 1966 — Editora Insitituto do Ceará — pág. 505.
21 — Mons. Fortunato Alves Linhares — ob. cit. pág. 25.

22 — Dom José Tup'nambá da Frota — ob. cit. pág. 67.
23 — Dr. Guilherme Studart — "Notas para a H stória do Ceará" (Segunda Metade do Século XVIII) 1892 — Lisboa — Typographia do "Recre'o" — págs. 144/145.
24 — Dr. Gu lherme Studart — ob. cit. pág. 144.
25 — Dr. Gu lherme Studart — ob. c:t. pág. 165.
26 — Parsifal Barroso — ob. cit. pág. 130.
27 — Antonio Bezerra — ob. c t. pág. 307.
28 — Anton o Bezerra — ob. c tada pág. 309.
29 — Francisco Augusto Pereira da Costa — ob. c t. pág. 130.
30 — Dr. Guilherme Studart — ob. c't. pág. 253.
31 — Dr. Gu lherme Studart — ob. c t. pág. 254
32 — Dr. Guilherme Studart — ob. cit. pág. 254.
33 — Dom José Tupynambá da Frota — ob c't. pág. 301.
34 — Dr. Guilherme Studart — ob. c t. págs. 263/264.
35 — Dr. Gu lherme Studart — ob. cit. pág. 258.
36 — Mons. Vicente Mart'ns — "Homens e Vultos de Sobral" — 1941 — sem colofão — pág. 15.
37 — Padre João Mendes Lira — "De Caiçara a Sobral" — 1971 — sem colofão — pág. 4.
38 — Dom José Tupynambá da Froat — ob. cit. pág. 313.
39 — Anton o Mart'ns Filho e Raimundo G rão — ob. cit. pág. 504
40 — Dr. Guilherme Studart — ob. c t. págs 258/259

São Luís, Julho de 1973.